# Argumentos contrários ao descritivismo - 28/02/2023

\_Argumentação de Kripke contra o descritivismo: um caminho para a volta do  
referencialismo em nova roupagem\*\*[i]\*\*\_  
  
Se as teorias descritivistas de nomes (clássica, agregados), pelas quais o  
significado de um nome é o significado da descrição (particular, complexa)  
associada ao nome, são mais completas que o referencialismo, já que explicam  
também a referência (objeto que a descrição aponta), elas também trazem  
objeções de Kripke que são abordadas por Sagid, conforme sinapses abaixo. As  
duas primeiras colocam em dúvida a teoria descritivista do significado (a mais  
importante sendo a segunda, segundo Sagid) e, a última, a teoria descritivista  
da referência.  
  
\*\*Argumento modal\*\*. Segundo esse argumento, nomes não são equivalentes a  
descrições pois se comportam de maneira diferente em contextos modais, que são  
aqueles que envolvem possibilidade e necessidade. Supondo o NP “Aristóteles”  
(A) e a DD “o fundador da lógica formal” (oflf) temos de 1.) "Se Aristóteles  
existe, então Aristóteles é Aristóteles", algo que não falha, a derivação X.)  
"Se Aristóteles existe, então Aristóteles é \_\_\_\_\_\_\_". Atribuindo a DD,  
postula-se 2.) "Se Aristóteles existe, então Aristóteles é oflf", algo que não  
é necessariamente verdadeiro, mas que, para o descritivismo clássico, teria o  
mesmo significado (1 e 2). Entretanto, Aristóteles poderia ter existido e não  
ter fundado a lógica formal.  
  
Ora, se 1.) é necessariamente verdadeiro e 2.) é uma verdade contingente,  
então não podem ter o mesmo significado. 1.) e 2.) tem a mesma estrutura,  
diferindo pela última ocorrência de Aristóteles que, ao ser substituida pela  
descrição definida, acarreta a diferença de significado. Por isso, o nome  
próprio não é equivalente à descrição definida dele e, não só, mas por nenhuma  
descrição e o argumento se generaliza[ii].  
  
\*\*Mundos possíveis\*\*. O argumento modal de Kripke se vale do conceito moderno  
de “mundo possível”[iii][iv], isto é, do modo como o universo é, por exemplo,  
o fato de que “este mundo é tal que eu sou computeiro” mas, o mundo poderia  
ser diferente e eu poderia ser um filósofo. Se há muitos modos, cada modo é um  
mundo possível, assim como esse mundo, agora, é um mundo possível[v]. Daí que  
\_é possível\_ algo que é o caso em \_pelo menos um\_ mundo possível e \_é  
necessário\_ algo que é o caso em \_todos\_ os mundos possíveis. Esse conceito  
pressupõe coisas do tipo “Gosto de filosofia em pelo menos um mundo possível”,  
mas “é necessário que 2 + 2 = 4”, algo que vale em todos os mundos possíveis.  
  
\*\*Designador rígido\*\*. Retomemos 1.) "Se A existe, então A é A" e 2.) "Se A  
existe, então A é oflf". Pleiteia-se que 1.) é necessário, já que é verdadeiro  
em todos os mundos possíveis e 2.) não é necessário já que é verdadeiro em  
alguns mundos possíveis, isto é, contingentemente verdadeiro. Quer dizer, o  
valor de verdade de 1.) é constante de mundo para mundo, do que Kripke tira,  
segundo Sagid, que, como o referente do NP é constante, ele é um designador  
rígido, e como o referente da DD varia, ela é um designador flácido.  
  
3.) “O flf é um homem” é verdade no nosso mundo, mas em outro poderia ser uma  
mulher. Como o referente da descrição definida se altera de mundo para mundo,  
então o valor de verdade de 3.) varia. Já 4.) “Aristóteles é um homem” marca o  
referente em todos os mundos, já que podemos verificar se Aristóteles é um  
homem, mas não precisamos procurar o referente. Embora Aristóteles pudesse ter  
tido outro nome, uma vez que A nesse mundo atual seria A em todos os mundos,  
já que A seleciona sempre o mesmo indivíduo. Ao falarmos de A, sempre falamos  
de Aristóteles.  
  
Sagid define o designador rígido como “Um termo T é rígido se, e somente se,  
designa o mesmo indivíduo em todos os mundos possíveis onde ele existe”. Já o  
designador flácido é assim definido: “Um termo T é flácido se, e somente se,  
não é rígido.”. Então, o argumento modal versa que nomes próprios são  
designadores rígidos, mas as descrições definidas associadas a eles  
normalmente não são designadores rígidos. E os designadores rígidos não têm o  
mesmo significado que os designadores não rígidos. Portanto, nomes próprios e  
designações definidas se comportam de maneira diferente em contextos modais e,  
por isso, seus significados são diferentes.  
  
\*\*Argumento epistemológico\*\*. Assim como o argumento modal, o argumento  
epistemológico procura refutar a teoria descritivista do \_significado\_ dos  
nomes próprios. Para o argumento epistemológico, nomes e descrições não são  
equivalentes, isto é, não tem o mesmo significado porque se comportam de  
maneira diferente em contextos epistêmicos, que são aqueles que envolvem  
crença e conhecimento.  
  
Novamente, dados o NP A e a DD oflf temos, pelo descritivismo, que são  
equivalentes. Podemos generalizar 5.) “João sabe que A é A” em Y.) “João sabe  
que A é \_\_\_\_\_\_\_” e derivar 6.) “João sabe que A é oflf”. Pelo princípio da  
composicionalidade, como sabemos, o significado de uma frase é dado pela sua  
estrutura e o significado das partes. Ora, 5.) e 6.) tem a mesma estrutura,  
mas suas partes não parecem ter o mesmo significado já que 5.) é um  
conhecimento trivial (a priori e, portanto, verdadeiro) e 6.) poderia ser  
falso, o que faz com que o NP e a DD não tenham o mesmo significado.  
  
Como no caso do argumento modal, aqui também podemos generalizar e, para  
qualquer descrição definida poder-se-ia dar o caso e, por conseguinte, o  
significado de A não ser dado por nenhuma descrição definida associada a ele.  
O mesmo vale para o complexo de descrições pois também pode dar-se o caso de o  
ouvinte não saber das descrições relevantes, posto que é uma crença difícil de  
ser atribuída a alguém.  
  
Há o truque de associar 5.) e 6.) formando 7.) “João sabe que o oflf é oflf”,  
isto é, substituindo todas as ocorrências do NP e aí seria também uma sentença  
trivial, como 5.). Assim sendo, 7.) não parece ter o mesmo significado de 6.),  
isto é, 7.) é V e 6.) é F. Também poderia ser argumentado que a objeção é  
válida, mas não quando é aquela descrição que fixa o nome. Porém se é o caso  
exatamente da descrição que associa o nome, então Russell diria que são  
equivalentes (NP ~ DD)[vi].  
  
Mas, de fato, pode dar-se o caso de serem equivalentes. Porém, Sagid ressalta  
outro problema, o de falantes que podem significar coisas diferentes quando  
significam um nome, que é o caso de “A é legal” significando “O flf é legal”  
ou “O am é legal” (am abreviando o autor da metafísica), dependendo do  
falante, algo que a teoria dos agregados poderia tentar resolver com a  
descrição complexa da comunidade, mas que ainda assim poderia diferir da de um  
falante qualquer, como já vimos.[vii]  
  
\*\*Argumento semântico\*\*[viii]\*\*\*\*. Já o argumento semântico, por seu turno,  
tocará na referência alegando que é verdade que o referente é dado pela  
descrição, mas não é verdade que o significado do nome é dado pelo significado  
da descrição. Dados o NP A e a DD oflf temos que o referente do NP é dado pelo  
referente da DD já que é ela que o fixa. Se a DD não tiver referente ou tiver  
mais que um referente, o NP falha em se referir, mas se houver um e apenas um  
objeto que possui a propriedade indicada, então esse indivíduo é o referente.  
  
\*\*Fato individuador\*\*. Ora, se A tem referente é porque se sabe que ele é  
oflf, há uma crença verdadeira, isto é, se há referente, o usuário do NP sabe  
que há referente. Por conseguinte, segundo Strawson, tem-se conhecimento de um  
fato individuador acerca de A: o fato de ser oflf. Sabe-se que A é o único  
indivíduo a possuir a propriedade de ter sido oflf. Esse fato singulariza,  
diferencia A do resto dos indivíduos. E, continua Sagid, o conhecimento de um  
fato individuador é um conhecimento discriminatório, que permite identificar o  
indivíduo.  
  
O sucesso em se referir provém do conhecimento de um fato individuador que é  
considerado uma condição de necessária, embora possam haver outros  
conhecimentos discriminatórios, conforme sugerido por Strawson, como a  
percepção. Entretanto, para o descritivismo, são as descrições definidas que  
permitem o conhecimento de fatos individuadores. O flf é algo só de A, mas ele  
primeiro seleciona o indivíduo e depois usa o nome. Primeiro a DD e depois o  
NP.  
  
\*\*Falante ignorante\*\*. O argumento semântico pressupõe o falante ignorante,  
que não conhece um fato individuador acerca de algo e se enuncia como:  
  
(P1) Se o descritivismo está correto, então não existem casos nos quais um  
falante ignorante acerca do referente de um nome consegue se referir a algo  
através do nome.  
  
(P2) Todavia, existem casos nos quais falantes ignorantes têm sucesso em se  
referir a algo através de nomes.  
  
(C) Logo, o descritivismo é falso.  
  
Se P1 é o requisito epistêmico, P2 é verdadeiro?  
  
A argumentação de Kripke vai no seguinte sentido, tematizado por Sagid e por  
nós apropriado, como todo o resto das postagens do curso do IF: Joãozinho vai  
a aula e escuta do professor “Newton foi mestre de Platão”. Chegando em casa,  
Joãozinho diz: “Pai, o Newton foi m de P” e aquele responde: “Não, não foi”.  
Ora, o exemplo mostra que, mesmo dizendo uma falsidade sobre Newton, ele teve  
sucesso em se referir, mesmo sem conhecer um fato individuador. Agora vejamos  
o exemplo de Donnellan: os pais estão com uma criança em uma festa e ela  
dorme. Enquanto isso, os pais encontram Tom e ela abre o olho, diz “oi” e  
dorme novamente. No outro dia, a criança fala: “Tom é legal”. De novo, ela não  
conhece um fato individuador e até poderia ter mais de um Tom na festa, mas  
ela se referiu a Tom.  
  
Entretanto, Sagid aponta para uma supervalorização do argumento, como que  
somente a pergunta “Quem é Aristóteles?” (que uma criança faz a despeito da  
conversa de seus pais) já serviria para argumentar que foi feita a referência,  
mesmo sem que nada se saiba sobre Aristóteles. Então, se a objeção é  
importante, deve ser usada sem exageros e indeterminações, como pensar que o  
argumento semântico fosse capaz de pleitear uma tese mais forte e mostrar que  
falantes \_completamente\_ ignorantes são capazes de se referir. Ocorre que a  
pergunta “Quem foi Aristóteles?” pode mostrar que o falante pode não ser tão  
ignorante pois há o fato individuador que é o fato de que A é a pessoa sobre  
quem os pais estão falando. E o fato de ouvirmos a frase “Maria é legal” não  
sugere que conhecemos Maria e que se pode defender a tese forte, pois se nos  
perguntassem “Quem é Maria?”, diríamos “Não sei” e ficaria difícil, depois  
disso, afirmar que ela é legal, o que corrobora o insucesso referencial.  
  
Dito isto, o quadro atual é:  
  
1.) teoria referencialista: o significado é a referência – levanta 3 enigmas  
que podem ser solucionados pela:  
  
2.) teoria descritivista (clássica ou agregados): significado do nome é  
significado da descrição e referência do nome é referência da descrição –  
levanta as 3 objeções que descrevemos que poderiam ser resolvidas pela:  
  
3.) teoria causal da referência, que é uma teoria da referência que se soma  
ao referencialismo, que é uma teoria referencialista do significado.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Recortes feitos das aulas 14, 15 e 16 do professor Sagid Salles  
disponíveis no Youtube. \_Curso IF - Filosofia da Linguagem\_ :  
[https://www.youtube.com/playlist?list=PLb6DzdXIOv4EtJpTp1G9kThcOi\_DATFyS](https://www.youtube.com/playlist?list=PLb6DzdXIOv4EtJpTp1G9kThcOi\_DATFyS).  
  
[ii] O fato de Aristóteles poder ter morrido meses depois de nascer, o que o  
deixaria despido de descrições, não me soa convincente, senão que de muito mal  
gosto.  
  
[iii] Ver [https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2014/05/mundos-  
possiveis.html](https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2014/05/mundos-  
possiveis.html).  
  
[iv] Ref. de Sagid:  
[https://criticanarede.com/fil\_essencialismo.html](https://criticanarede.com/fil\_essencialismo.html):  
Essencialismo Naturalizado: Aspectos da Metafísica da Modalidade  
  
[v] Há uma extrapolação metafísico-realista do argumento que versa que cada  
mundo possível existe na realidade. Sobre isso, ver episódio “#12 - RICARDO  
SANTOS - SAUL KRIPKE: (O NOMEAR E A NECESSIDADE)”:  
[https://www.youtube.com/watch?v=Mk5toR26ESE&ab\_channel=FILOSOFIASer%26Pensar](https://www.youtube.com/watch?v=Mk5toR26ESE&ab\_channel=FILOSOFIASer%26Pensar)  
  
[vi] Mas deveria ser conhecida por todos?  
  
[vii] Sagid ainda aponta para um descritivismo da referência, de Frank  
Jackson, que podemos investigar posteriormente.  
  
[viii] Atribuído a Kripke e Donnellan, de acordo com Sagid.